



A POESIA DO OBLÍVIO: ESPAÇOS SOMBRIOS NA INQUIETUDE LÍRICA DE EDGAR ALLAN POE

Geovanna Beirigo Ferreira Martins de Lima¹ (IC)* Beirigo.geovanna@gmail.com, Adolfo José de Souza Frota (PQ)

UEG-Câmpus Cora Coralina - Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura, Centro, CEP: 76600-000, Goiás – GO, Tel: (62)3936-2161 / 3371-4971 / (62) 3936-2160, e-mail: dir.goias@ueg.br, website: www.coracoralina.ueg.br

Resumo: Objetivamos, neste resumo expandido, discutir memória e espaço associados à imagem e ao devaneio. Para uma melhor compreensão dos temas, apresentaremos sucintamente os aspectos da memória. Também vamos conceituar, brevemente, algumas características do espaço. A relação presente entre os temas (memória e espaço) com a imagem será descrita, visando esclarecer sua ligação com o devaneio. Diante dessas compreensões, propomos analisar os espaços funcionais encontrados nos poemas de Edgar Allan Poe. Com o intuito de observar a voz poética e suas lamentações sombrias. Para estabelecer qualquer entendimento a pesquisa apoiou-se em um referencial teórico, que apresenta teorias referentes à memória, como Pierre Nora (1993) que aponta a memória como um objeto de preservação. Seligmann-Silva (2005) escreve que a memória é uma viagem ao passado e sua relação com a alma e a imagem mental. Já para abordar o tema espaço, Gaston Bachelard (1957) discute a poética do espaço, uma parte muito importante para a compreensão do devaneio. Perante a evolução da pesquisa é possível que notemos as significativas elações existentes entre memória e espaço, e como estão presentes no meio lírico de Poe.

Palavras-chave: Memória. Espaço. Imagem. Devaneio.

Introdução

A memória surgiu como divindade na mitologia grega. Ela era um atributo da deusa Mnemósine, a mãe das musas das artes. Dentre as musas da arte destaca-se Calíope, a musa da epopeia clássica, que estimulava a memória dos aedos. Na Grécia antiga, a deusa Mnemósine era uma divindade facilmente relacionada à capacidade de pensar do ser humano, permitindo o domínio entre o mundo visível e invisível. A memória era uma faculdade cuja finalidade seria visitar o passado. O aedo se utilizava da memória como divindade, assim conseguia se deslocar para um período idealizado, a época dos grandes heróis gregos.

Mnemósine, na figura da musa inspiradora do canto épico, por exemplo, ia além do limite temporal por levar o aedo, do tempo presente, para um tempo passado, pois não era o poeta quem “narrava”, e sim a força sobrenatural da deusa da memória agindo sobre ele. A poesia utiliza, largamente, da memória como fonte

REALIZAÇÃO





de acesso ao passado, tanto para experiências individuais quanto para experiências coletivas. Edgar Allan Poe foi um dos maiores expoentes românticos da literatura novecentista, um autor com um enfoque especial na temática da memória e do esquecimento a partir da construção do espaço. Apesar de o tema da memória ser bastante abrangente, objetivamos apenas discutir a poesia de Edgar Allan Poe no que concerne à relação entre memória e espaço

A partir desse pressuposto, citamos Seligmann-Silva (2006, p. 32) para quem a memória representa uma viagem ao passado, uma lembrança de algum momento ou até mesmo de algum lugar, experiências relembradas pelo indivíduo de forma coletiva ou individual. A memória está intimamente ligada a uma imagem, que não é, necessariamente, uma imagem real, pois pode ser imaginária, ou compartilhada por um grupo, mas que ao mesmo tempo tem essas dimensões como um todo.

Citando Aristóteles, Seligmann-Silva (2005, p. 32) afirma que, para a concepção aristotélica da memória, só é possível adquirir um processo intelectual mais “elevado” a partir do fragmento da alma responsável por criar as imagens. O aparelho cognitivo humano é muito dinâmico, ele toma os cinco sentidos básicos (audição, olfato, paladar, visão e tato) como responsáveis pela captação das sensações. Dessa maneira, essas sensações serão encaminhadas para as faculdades da imaginação que, por sua vez, fornece as imagens que constituem nossa intelectualidade.

Levando-se em consideração a “imagem mental” citamos agora Pierre Nora (1993, p. 7) que vê a memória como um objeto de preservação. No ensaio “Entre memória e história”, o autor afirma que existe uma curiosidade natural pelos lugares de onde a memória se cristaliza. Para ele, a memória enfrenta um problema: a transição de um fragmento de memória que se encontra, de certa forma, condenada, pelo fato de estar ligada diretamente a um espaço muito específico. Há grosso modo, a imagem do espaço vindo do passado, que se confunde com o sentimento de uma memória diluída. Por isso temos esse esfacelamento transformado em um único fragmento.

Basicamente, estamos lidando com uma lembrança que, em sua totalidade, não é realmente pura ou verdadeira. Um bom exemplo para explicar este



ponto de vista sobre a memória seria analisar uma fotografia, que mostra as ruínas de uma casa. Agora suponha que quem está olhando para foto tenha morado na casa quando criança. Esse indivíduo irá se remeter a momentos do passado vividos naquele lugar, quando ainda não estava destruído. Portanto, olhar para a foto faz com que o hipotético sujeito se recorde de memórias totalmente específicas sobre a casa. Porém não recordará de todos os detalhes, ou de toda a “verdade” desses tais momentos.

Um fragmento de uma lembrança que tem a capacidade de trazer o passado de volta à tona, como olhar para uma foto de algo antigo e recordar do passado, não como ele realmente era, mas sim como uma memória esfacelada. Nora (1993) apresenta esses lugares como sendo lugares memória, por terem a capacidade de nos remeter ao passado.

Edgar Allan Poe exerce o papel de homem-memória. Ele trabalha para que as memórias não se percam no esquecimento, sendo o espaço um componente de suma importância, perante essa arte de rememorar.

Nos poemas de Edgar Allan Poe, podemos ver a presença de um espaço funcional, que tem como função principal a ideia de abrigar o devaneio poético do eu lírico. Aprofundando-se mais nessa linha de raciocínio, Bachelard (1957, p.196) afirma que o estudo psicológico e sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima, pode ser relacionado aos estudos do espaço, pois esses lugares físicos nos remetem a imagens de um espaço, que por sua vez é compreendido pela imaginação. A imaginação (devaneio) desdobra-se suficientemente pra sustentar um “espaço imaginário” que busca proximidade do valor humano dos espaços de posse. Poe utiliza esse espaço funcional como um alicerce para a memória, assim ela pode existir em sua plenitude.

O devaneio poético do eu lírico, presente nos poemas de Poe, faz uso do espaço para remeter-se ao passado. Sendo assim, essa voz poética, pode recorrer a suas memórias de forma positiva ou negativa. Ou seja, ele pode direcionar as memórias felizes do passado para si próprio, ou até mesmo, usando as lembranças tristes para revelar uma dor profunda no presente, deixando transparecer a sensação de perda e de esquecimento do eu lírico. Assim, temos o espaço nos poemas indicando sempre a relação memória e lugar, a memória associada a algum



lugar ou o lugar associado a uma memória. Devido a isso, o eu lírico, nos poemas de Poe, assume esse papel: há sempre algo ou alguém a ser lembrado, e ele busca preservar a memória pela arte poética. Na luta contra o esquecimento, Poe utiliza a escrita como uma estratégia de preservação, e por esse motivo ele é um homem-memória.

Edgar Allan Poe é um homem-memória por travar uma luta constante contra o esquecimento. A voz poética funciona como um transmissor dessa memória, justificando toda a sua melancolia e toda a dor e sofrimento causados pela perda e pelo tempo que passa. Existem muitas formas de se lembrar, e como um homem-memória, os poemas são por si só uma forma de se recordar. É um exercício da memória, neste caso, para se lembrar da dor da perda, passando uma ideia melancólica. Esse registro poético é um dos muitos recursos que um homem-memória pode usar.

Resultados e Discussão

Durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa de iniciação científica realizamos leituras teóricas que nos ajudaram a adquirir um melhor entendimento do tema proposto. Tomamos essas teorias como base para analisar alguns poemas do autor Edgar Allan Poe, com o intuito de identificar a memória e o espaço pela voz do eu lírico. Um dos poemas escolhidos para o estudo foi “Annabel Lee”. Neste poema fica evidente a luta do eu lírico para se recordar do passado, visando às lembranças de seu amor juvenil, para que não caia no esquecimento. O poema fala sobre a perda da pessoa amada. O eu lírico descreve Annabel Lee como sendo sua musa, roubada pela morte na flor da juventude, porém, o amor deles era muito grande, e a morte não foi forte o bastante para fazê-lo esquecê-la, por isso o eu lírico vai ao túmulo de Annabel Lee relembrar os tempos passados, a época em que sua musa ainda estava viva:

Eu era criança e criança ela também,
num reino junto ao mar,
nos amamos com amor imenso,
Annabel Lee e eu, de tanto amar

REALIZAÇÃO



com um amor que os alados Serafins
lá no Céu ousaram invejar.

[...]

Mas nosso amor era mais forte que o amor
daqueles mais antigos
daqueles mais sábios -
e nem os anjos lá nos Céus
nem os demônios no mar,
Não podem mesmo minha alma
da bela Annabel Lee afastar.

Pois a lua nunca brilha, sem trazer-me sonhos
da bela Annabel Lee;
E estrela alguma surge, mas posso sentir o olhar
da bela Annabel Lee;
E assim, noite adentro, deito-me ao lado
de minha querida - minha vida e minha noiva,
no sepulcro junto ao mar -
em seu túmulo junto ao borbulhante mar (POE, 2018)

Nos dois últimos versos do poema, podemos notar que o eu lírico faz uma alusão as águas do mar, que o remetem a uma reflexão sobre o esquecimento. Sendo esse espaço o responsável por despertar essa memória da musa perdida, o eu lírico acaba associando o túmulo, que se encontra junto ao mar, a uma simbologia da perda.

A voz poética é melancólica e se perde no devaneio no poema “A cidade no mar” é descrito um trono que, curiosamente, permaneceu intacto em meio a uma cidade morta, sem a presença de nenhuma pessoa. O trono é visto como um monumento que foi tomado pela morte. A cidade, apesar de abandonada, resiste à passagem do tempo, entretanto, a morte, que aparenta ser a única entidade presente na cidade no mar, destruiu/apagou qualquer vestígio de vida ou memória de lá. Este poema apresenta um excelente exemplo de um espaço funcional. Por ser imaginário, trata-se de uma cidade que não existe no mundo real, apenas no devaneio dos pensamentos do eu lírico:

Olhai! a Morte edificou seu trono
numa estranha cidade solitária
por entre as sombras do longínquo oeste.



Lá, os bons, os maus, os piores e os melhores,
foram todos buscar repouso eterno.
Seus monumentos, catedrais e torres
(torres que o tempo rói e não vacilam!)
em nada se parecem com os humanos.
E em volta, pelos ventos olvidadas,
olhando o firmamento, silenciosas
e calmas, dormem águas melancólicas.

Uma característica marcante deste poema é a maneira como o eu lírico narra o espaço, o ambiente onde o trono da morte se encontra descrito como sendo um lugar glorioso, repleto de torres. Porém, em dado momento do poema é mostrado o tempo presente, descrevendo um lugar sombrio que se mistura com as sombras devido ao abandono e à morte de todos que antes viviam ali. Contudo, a cidade está cercada por nuvens tempestuosas, as ondas estão inquietas, uma tempestade se forma e a cidade afunda, sendo engolida pelo mar:

Olhando o firmamento, silenciosas,
calmas, dormem as águas melancólicas.
Torreões e sombras tanto se confundem
que é tudo como solto nos espaços.
E a Morte, do alto de soberba torre,
contempla, gigantesca, o panorama.
[...]

Mas, vede! Um frêmito percorre os ares.
Uma onda... Fez-se ali um movimento!
e dir-se-ia que as torres vacilaram
e afundaram de leve na água turva,
abrindo com seus cumes, debilmente,
um vazio nos céus enevoados.
As ondas têm, agora, luz mais rubra,
as horas fluem, lânguidas e fracas.
E quando, entre gemidos sobre-humanos,
a cidade submersa for fixar-se no fundo,
o Inferno, erguido de mil tronos,
curvar-se-á, reverente.(POE, 2018)

Concluo, assim, que Allan Poe é um homem-memória por travar uma luta constante contra o esquecimento. A voz poética funciona como um transmissor



dessa memória, justificando toda a sua melancolia e toda a dor e sofrimento causados pela perda e pelo tempo que passa.

Considerações Finais

Em virtude desse projeto de pesquisa, foi possível desenvolver este estudo. Usando como base as leituras e reflexões das teorias e obras estudadas, pudemos refletir sobre a relação existente entre a memória e o espaço, e como essa relação é extremamente particular e específica para cada um. Vimos a importância da voz poética que funciona como um canal para o devaneio. Também concluímos que Edgar Allan Poe é um homem-memória, e que os poemas analisados, durante a pesquisa, funcionam como um registro, sendo assim, uma forma de se preservar a memória e não cair no esquecimento.

Agradecimentos

Agradeço a UEG pela oportunidade de aprendizagem e aprimoramento dos meus conhecimentos, e pelo incentivo durante a pesquisa. Também agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Adolfo José de Souza Frota, responsável por esse projeto de pesquisa. Graças à orientação dele sobre as leituras realizadas, e pro esclarecer diversas dúvidas, que o projeto pode ir adiante.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal, São Paulo: Martins Fontes, 1957.

NORA, Pierre. **Entre memória e história a problemática dos lugares**, Tradução autorizada - Yara Aun Khoury, Editions Gallimard, 1993.

POE, Edgar Allan. **“Annabel Lee”, poema de Edgar Allan Poe traduzido por Fernando Pessoa**. Tradução de Fernando Pessoa. Disponível em: <https://fkxexplica.wordpress.com/2012/10/31/annabel-lee-poema-de-edgar-allan-poe-traduzido-por-fernando-pessoa/>. Acesso em: 2018

_____. **A cidade no mar**. A voz da poesia. Disponível em: http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=5365. Acessado em: 2018



V Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



SILVA, Márcio Seligmann, **A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens**, Remate de Males, 2006.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás